

FLORÍSTICA DO ESTRATO LENHOSO DA ÁREA DO GRUPO DE AGROECOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (GAE|UFPEL)

NATÁLIA CASTILHOS PIONER¹; RAQUEL LÜDTKE²

¹Universidade Federal de Pelotas – ntpioner@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – raquelludtke28@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As florestas e matas nativas desempenham papéis essenciais no equilíbrio ecológico e ambiental do planeta, são agentes na interceptação das chuvas, absorvendo o excesso de água, possibilitam a infiltração da água no solo, atuando como obstáculo ao escoamento da chuva, sendo importante para evitar a obstrução de rios, lagoas, entre outros (LORENZI, 1998). Entretanto, o Bioma Pampa é o segundo mais devastado do país (MMA, 2017) e a sua degradação pode ser relacionada a sua utilização por atividades antrópicas que objetivam a produção, como a extensão das monoculturas.

Neste contexto, como uma alternativa as monoculturas e restauração de áreas degradadas, os Sistemas Agroflorestais (SAFs) podem ser implantados. Estes são formas de uso da terra baseados na associação de espécies arbóreas com cultivos agrícolas e/ou animais, em um mesmo espaço de maneira simultânea ou numa sequência temporal. Permitindo além de um retorno econômico, a conservação e manutenção da biodiversidade, e contribuindo com a recuperação do solo e o reestabelecimento de relações ecológicas (PADOVAN et al., 2010).

O Grupo de Agroecologia da Universidade Federal de Pelotas (GAE|UFPEL) foi formado em 1993 e, atualmente, é constituído por um coletivo interdisciplinar de estudantes da universidade. Por meio de práticas e debates fundamentados na agroecologia, promove um debate de resistência frente à agricultura convencional. O GAE localiza-se em uma área didático-experimental no Campus Capão do Leão da UFPEL, onde é mantido um viveiro de mudas, uma área de convivência e um SAF (SANTIN, 2016).

Este trabalho teve como objetivo principal realizar um levantamento florístico do estrato lenhoso da área didático-experimental ocupada pelo GAE|UFPEL, localizada no Campus Capão do Leão, Rio Grande do Sul, Brasil.

2. METODOLOGIA

A área estudada situa-se dentro do campus Capão do Leão da Universidade Federal de Pelotas (31°48'06.4"S52°25'08.0"O), apresentando uma área total de 9.243,96 m². Coletas quinzenais foram realizadas, tendo início em setembro de 2017 e término em setembro de 2018, utilizando-se tesoura de poda e tesoura de poda de longo alcance, anotando-se as características importantes de cada indivíduo coletado, utilizadas na posterior identificação e classificação.

Os exemplares coletados foram herborizados conforme procedimentos usuais e as espécies foram identificadas, tanto em campo como em laboratório, por meio de literatura especializada e, quando necessário, com consulta à especialistas e comparação com o acervo do Herbário PEL, localizado no Departamento de Botânica da UFPEL, local onde as coletas em estádio fértil serão incorporadas.

As espécies foram classificadas de acordo com o hábito de crescimento, entre arbustivo, arbóreo e trepador, e a ocorrência no Rio Grande do Sul, sendo nativas ou introduzidas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento foram identificadas 80 espécies, distribuídas em 67 gêneros e 28 famílias. A família que apresentou a maior riqueza específica foi Fabaceae (15 spp.), seguida de Myrtaceae (13 spp.) e Malvaceae (seis spp.). Na Tabela 1 são expostas somente as espécies arbóreas confirmadas e identificadas a nível específico no presente estudo, ordenadas por família e nome comum.

Sobre a ocorrência das espécies no RS, 19 são introduzidas no estado e 63 espécies são nativas. Quanto ao hábito de crescimento, 69 são espécies arbóreas, 13 arbustivas e uma trepadeira arbórea (*Dioclea violacea*).

Tabela 1. Relação das famílias e espécies ocorrentes na área do GAE|UFPEL, com seus respectivos nomes comuns. (*) espécies introduzidas no RS.

FAMÍLIA	Nome comum
ANACARDIACEAE	
<i>Lithraea brasiliensis</i> Marchand	aroeira-brava
<i>Schinus molle</i> L.	aroeira-salvo
<i>Schinus polygamus</i> (Cav.) Cabrera	assobiadeira; molhe
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	aroeira-vermelha
ARECACEAE	
<i>Euterpe edulis</i> Mart.	palmito-juçara
<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	gerivá
BIGNONIACEAE	
<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex A.DC.) Mattos	ipê-amarelo
<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Mart.) Mattos	ipê-roxo
<i>Handroanthus pulcherrimus</i> (Sandwith) S.O.Grose	ipê-amarelo
* <i>Jacaranda mimosifolia</i> D. Don	jacarandá
CARICACEAE	
<i>Vasconcellea quercifolia</i> A. St.-Hil.	mamoeiro-do-mato
COMBRETACEAE	
<i>Terminalia australis</i> Cambess.	sarandi-amarelo
EBENACEAE	
<i>Diospyros inconstans</i> Jacq.	maria-preta
ERYTHROXYLACEAE	
<i>Erythroxylum argentinum</i> O.E.Schulz	cocão
EUPHORBIACEAE	
<i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong	pau-de-leite
FABACEAE	
<i>Bauhinia forficata</i> Link	pata-de-vaca
* <i>Poincianella pluviosa</i> (DC.) L.P.Queiroz	sibipiruna
<i>Cassia leptophylla</i> Vogel	falso-barbatimão
<i>Dioclea violacea</i> Mart. ex Benth.	olho-de-boi
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	timbaúva
<i>Erythrina cristagalli</i> L.	corticeira-do-banhado
<i>Inga marginata</i> Willd.	ingá-feijão
<i>Inga vera</i> subsp. <i>affinis</i> (DC.) T.D.Penn	ingá-banana
<i>Parapiptadenia rigida</i> (Benth.) Brenan	angico; angico-vermelho
<i>Peltophorum dubium</i> (Spreng.) Taub.	canafístula

FAMÍLIA	Nome comum
<i>Senna multijuga</i> (Rich.) H.S. Irwin & Barneby	aleluia
LAURACEAE	
* <i>Cinnamomum camphora</i> (L.) J. Presl	canforeira
<i>Aiouea saligna</i> Meisn.	canela-vermelha
* <i>Cinnamomum verum</i> J. Presl	canela
<i>Nectandra megapotamica</i> (Spreng.) Mez	canela-preta
MALVACEAE	
* <i>Dombeya wallichii</i> (Lindl.) Benth. & Hook. f.	astrapéia
* <i>Bombacopsis glabra</i> (Pasq.) A. Robyns	castanha-do-maranhão
<i>Ceiba speciosa</i> (A. St.-Hil.) Ravenna	paineira
<i>Luehea divaricata</i> Mart. & Zucc.	açoita-cavalo
<i>Pseudobombax grandiflorum</i> (Cav.) A. Robyns	embiruçu
MELIACEAE	
<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	cedro; cedro-rosa
MORACEAE	
* <i>Ficus carica</i> L.	figueira-comum
* <i>Morus alba</i> L.	amora
* <i>Morus nigra</i> L.	amora-preta
<i>Ficus luschnathiana</i> (Miq.) Miq.	figueira
<i>Sorocea bonplandii</i> (Baill.) W.C. Burger, Lanjouw & Boer	cincho
MYRTACEAE	
<i>Acca sellowiana</i> (O.Berg) Burret	goiaba-da-serra
<i>Blepharocalyx salicifolius</i> (Kunth) O.Berg	murta
<i>Campomanesia xanthocarpa</i> O.Berg	guabiroba
<i>Eugenia pyriformis</i> Cambess.	uvaia
<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitangueira
<i>Eugenia uruguayensis</i> Cambess.	guamirim
<i>Myrcia palustris</i> DC.	pitangueira-do-mato
<i>Myrcianthes pungens</i> (O.Berg) D. Legrand	guabiju
<i>Myrrhinium atropurpureum</i> Schott	carrapato
<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	araçá
* <i>Psidium guajava</i> L.	goiabeira
PITTOSPORACEAE	
* <i>Pittosporum undulatum</i> Vent.	falso-incenso
PRIMULACEAE	
<i>Myrsine guianensis</i> (Aubl.) Kuntze	capororoca
<i>Myrsine hermogenesii</i> (Jung-Mendaçolli & Bernacci) Freitas & Kinoshita	capororoca
<i>Myrsine laetevirens</i> (Mez) Arechav.	capororoca
<i>Myrsine lorentziana</i> (Mez) Arechav.	capororoca
<i>Myrsine parvifolia</i> DC.	capororoca
RHAMNACEAE	
* <i>Hovenia dulcis</i> Thunb.	uva-do-japão
ROSACEAE	
* <i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.	ameixa-amarela

FAMÍLIA	Nome comum
RUBIACEAE	
<i>Guettarda uruguensis</i> Cham. & Schltldl.	veludo
<i>Zanthoxylum fagara</i> (L.) Sarg.	mamica-de-cadela
SALICACEAE	
<i>Casearia decandra</i> Jacq.	guaçatonga
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	chá-de-bugre
SAPINDACEAE	
<i>Allophylus edulis</i> (A.St.-Hil., Cambess. & A. Juss.) Radlk.	chal-chal
<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	camboatá-vermelho
THYMELAEACEAE	
<i>Daphnopsis racemosa</i> Griseb.	embira
VERBENACEAE	
<i>Citharexylum montevidense</i> (Spreng.) Moldenke	tarumã-de-espinho

4. CONCLUSÕES

Principalmente no contexto apresentado, estudos florísticos tornam-se fundamentais, visto que a área do Grupo de Agroecologia situa-se em um espaço ocupado dentro da universidade. A partir deste trabalho, possibilita-se uma demonstração da relevância e importância da área, favorecendo então a conservação do espaço do GAE, que possui uma riqueza notável de espécies arbustivas e arbóreas. Além disso, fornece informações para uma melhor compreensão do ecossistema local, corroborando para manejos mais adequados, conhecimento e próximos estudos no local.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LORENZI, H. **Árvores Brasileiras**: Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil. 2. ed. Nova Odessa: Editora Plantarum, 1998.
- MEDEIROS, F.S. et al. A JUVENTUDE EM LUTA: A EXPERIÊNCIA DE SER E CONSTRUIR UM GRUPO DE AGROECOLOGIA. **Revista Brasileira de Agroecologia**, [S.l.], v. 13, n. 1, July 2018. ISSN 1980-9735. Online. Disponível em: <<http://revistas.abagroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/22473>>. Acessado em: 15 de agosto de 2018.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Online. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/biomas/pamp>. Acessado em: 15 de julho de 2017.
- PADOVAN, M.P. et al. Performance e fitossociologia de espécies arbóreas em um sistema agroflorestal sob bases ecológicas na Região Sul de Mato Grosso do Sul. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS, 8., 2011, Belém. **Sistemas agroflorestais na paisagem florestal: desafios científicos, tecnológicos e de políticas para integrar benefícios locais e globais: anais**. Belém: SBSAF: Embrapa Amazônia Oriental, 2011.
- SANTIN, F.G.T. et al. Agroecologia e educação autônoma como resistência ao modelo tradicional de ensino universitário: a experiência do Grupo de Agroecologia da UFPEL (GAE/UFPEL). In: **II CONGRESSO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**, 2016, Pelotas.